



## O Tempo E O Espaço De Helena Camargo E Leila Diniz<sup>1</sup>

Luisa Maranhão de ARAÚJO<sup>2</sup>

### Resumo

Este trabalho justifica a influência do tempo e do espaço na análise das biografias de Helena Camargo e Leila Diniz, conforme os critérios estabelecidos por Monica Martinez na construção de cada jornada de vida. O estudo é embasado no conceito de livro-reportagem de Edvaldo Pereira Lima, biografia de Sergio Vilas Boas, a importância deste gênero impresso segundo Benito Bisso Schmidt e a relevância do estudo história da imprensa por Marialva Barbosa. Deste modo, conclui-se que a vivência do leitor promoverá o interesse pela leitura da obra; em seguida, a memorização das informações, a construção da própria história e identidade, conforme o conteúdo absorvido dos textos publicados nos livros-reportagens.

### Palavras-chave

Livro-Reportagem; Biografia; História da Imprensa; Helena Camargo; Leila Diniz.

### As Protagonistas

Ela é *Simplemente Helena*. Única, pois só há uma Helena de Benedito, enquanto solteira, e que se tornaria Helena Camargo aos 16 anos. Simples, porque no decorrer da história percebe-se a simplicidade tanto nos momentos difíceis, como também nos tempos de fartura. E tanta singularidade é evidenciada nas três primeiras páginas do livro, quando Helena escreve com letras discursivas sobre a própria vida a partir do momento em que conheceu o futuro marido, Francisco de Onofre; da vida de casal nas cidades de Vila Propício, Goianésia e Goiânia; das dificuldades em receber tratamento da paralisia infantil do filho Wellington; e, por fim, cita a música, “É o amor”, dos filhos Mirosmar José & Welson Davi, os conhecidos Zezé di Camargo & Luciano, como divisora de águas na vida da família Camargo.

A biografia é escrita pela roteirista, diretora e executiva na produção de cinema, Carolina Kotscho (2007). Ela também roteirizou *2 filhos de Francisco*, filme que conta a vida da família de Helena até o sucesso dos filhos cantores. O livro é composto por fotos da matriarca e da fazenda em Sítio Novo, Goiás, local onde a vida conjugal começou. Os treze capítulos apresentam uma história linear, o narrador é na primeira

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Divisão Temática, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Estudante de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, da Universidade Federal de Goiás (UFG), maranhao.luisa@gmail.com



pessoa do singular, no estilo *ghost-writer*. Inclusive esta opção é comentada, em *Nota da Autora*, por Kotscho, a qual acredita que assim estabeleceria “um relato íntimo e pessoal, sem os julgamentos e as amarras de um narrador externo” (2007, p.284). Há ao longo da narração músicas do compositor e cantor Chico Buarque, cujos temas sempre estão relacionados ao momento da vida descrito.

Quase um ano depois do nascimento de Helena, a quilômetros de distância do interior goiano, nasce Leila Roque Diniz. A filha que teve um pai, Newton Roque, e muitas outras mães; a professora que tinha como ideal uma escola sem regras; a mulher que revolucionou o Brasil nos combates contra a Ditadura Militar (1964-1985); a atriz que estreou no teatro com a peça *Em busca do Tesouro* (1964), de Rubens Rocha. A mesma atriz que se viu proibida de atuar em novelas, porque tinha a imagem remetida a uma mulher livre; a primeira mãe famosa que foi fotografada grávida de biquíni com a barriga à mostra; a carnavalesca que fez a última aparição em público na Sapucaí, interpretando Carmem Miranda, no desfile da escola de samba Império Serrano, campeã em 1972. Ela era Leila Diniz, que morreu em um acidente aéreo na Índia, em 14 de junho do mesmo ano.

A coleção *Perfis Brasileiros*, da Editora Companhia das Letras, é um projeto que abarca outros títulos e conta a história de outras personalidades brasileiras famosas. Entre os nomes está o de Leila Diniz, a única representante do sexo feminino, conforme com a edição de 2008, fato evidenciado nas costas da folha de rosto. O destaque da importância dela no cenário brasileiro é percebido ao longo dos 19 capítulos apresentados, nenhum com titulação, escritos pelo jornalista Joaquim Ferreira dos Santos (2008). Algumas fotos pessoais, cartazes de filmes, capas de revista e de jornal e uma notícia sobre a morte de Leila são encontradas, em destaque, no meio do livro. A narrativa em terceira pessoa do singular, logo no começo, estabelece o marco zero da futura estrela carioca, “aos três anos de idade [...] sapateando em cima do banco do bonde no trajeto entre Copacabana e o Tabuleiro da Baiana” (SANTOS, 2008, p.11); era o carnaval no Rio de Janeiro. Por fim, um índice onomástico.

Duas mulheres em lugares e percepções de vida inteiramente diferentes. Uma no interior do interior do Brasil, a outra na antiga capital federal. Esses relatos são o ponto de partida para a produção deste trabalho, cujo interesse é ressaltar a importância do tempo e do espaço na reconstrução da vida de uma pessoa biografada. A discussão é fundamentada nos conceitos de livro-reportagem, por Edvaldo Pereira Lima (2004); biografia, por Sergio Vilas Boas (2008); e a importância deste gênero impresso por



Benito Bisso Schmidt (1997). Monica Martinez (2002) propõe as divisões das etapas da vida narrada, que serão interpretadas de diversas maneiras conforme o momento presente dos sujeitos atuantes na produção jornalística, segundo Marialva Barbosa (2004).

### **O Suporte e o Gênero**

O livro-reportagem é um veículo de comunicação com extenso conteúdo histórico. O conceito é a junção de livro, enquanto suporte midiático de uma publicação não-periódica (LIMA, 2004), e de reportagem, enquanto gênero jornalístico, que “pressupõe o exame do estilo com que o jornalista articula sua mensagem. Significa também um certo grau de extensão e/ou aprofundamento do relato, quando comparado a notícia” (LIMA, 2004, p.24).

Com o conteúdo relacionado ao jornalismo diário, temas de notícias ou mesmo reportagens de revistas são trabalhadas com maior investigação e com a narração mais elaborada. Como conceitua Edvaldo Pereira Lima

O livro-reportagem estende a função informativa e orientativa do jornalismo impresso cotidiano uma vez que cobre vazios deixados pela imprensa, e amplia, para o leitor, a compreensão da realidade. Essa complementação não deve ser entendida no sentido estrito dos fatos isolados do cotidiano, mas sim no sentido mais amplo da leitura da contemporaneidade. (LIMA, 2004, p. 61).

A contemporaneidade a qual se refere é a relação estabelecida entre os temas e os respectivos contextos, tanto do período narrado quanto ao ano de publicação (apud BUTONI, 2004). A pauta não se detém a fatos específicos, e sim, a problematização desta. Por isso, se verticaliza quando a intenção é aprofundar em um caso específico ou horizontaliza, se o interesse estiver em exemplificar outros casos semelhantes ao que instigou o início da pesquisa.

Todavia, obter informações necessárias exige do jornalista maior apuração das informações e rigor ao relacionar os dados isolados para, então, escrever uma narrativa atraente (LIMA, 2004). Neste aspecto, Benito Schmidt (1997) faz críticas quanto ao método jornalístico de pesquisa, exemplificando na biografia de Assis Chateaubriand, de Fernando Morais, 2004, ele argumenta: da falta de citação das referências e da bibliografia utilizada ao longo do texto, da dificuldade em identificar a voz do narrador



e dos documentos de acordo com os tempos verbais. Isso porque o jornalista privilegia a bela narrativa à exatidão das informações.

Em defesa dos jornalistas, Monica Martinez (2002) afirma que justamente por essa maneira de escrever é que torna a qualidade das biografias mais agradáveis de serem lidas. Os historiadores orais, durante a edição das informações, limitam o trabalho do ponto de vista jornalístico, pois eles se prendem à exatidão máxima da transcrição de falas, que garante credibilidade à fala do biografado, porém “resulta num texto jornalístico empobrecido”. (2002, p. 23).

É com a escrita elaborada “que procura evidenciar o lado humano de uma personalidade pública ou de uma personagem anônima que, por algum motivo, torna-se de interesse” (LIMA, 2004, p.51). De técnicas do *lead* e *sub-lead* presentes nos veículos diários aos recursos utilizados por adeptos do *new journalism*, o livro-reportagem-perfil (LIMA, 2004) ou, como define Sergio Vilas Boas, a biografia é a construção da história de vida do “comum no conhecido e o extraordinário no anônimo” (2008, p.139). O autor ainda complementa e discorda de Lima,

as biografias deste nosso tempo (o início do século XXI) são épicos velados, que negam o ideal democrático do herói cotidiano. Há uma idolatria implícita nesses superlativos biográficos que desumanizam em vez de trazer para a Terra a universal/singular imbricados na existência. (2008, p. 142).

Schmidt (1997) atribui o aumento na busca tanto para escrever quanto ler relatos biográficos se deve a falta de referências ideológicas e morais na atualidade. As pessoas sentem a necessidade de voltar ao passado e descobrir antigas trajetórias intimamente importantes e que obtiveram êxito, para que sirvam de motivação na construção da própria história. Ou o contrário, quando a busca pela história de outrem está ligada à procura de defeitos alheios, o consolo de que determinada personalidade, apesar das inúmeras conquistas também não é perfeita, como acredita João Ubaldo Ribeiro (apud SCHMIDT, 1997).

Independente do interesse por parte do leitor na busca pelas biografias é preciso destacar que os seres humanos são da mesma espécie com culturas diferenciadas conforme o tempo e o espaço (MARTINEZ, 2002). Campbell aponta

... aquilo que prometia ser nossa aventura – ímpar, imprevisível e perigosa –, tudo o que encontramos, no fim, é a série de metamorfoses

padronizadas pelas quais homens e mulheres, em todas as partes do mundo, em todos os séculos de que temos notícia e sob todas as aparências assumidas pelas civilizações, têm passado. (apud MARTINEZ, 2002, p. 55).

Deste modo, analisar a maneira de apresentação do conteúdo, da história narrada, é criar um olhar diferente sobre o passado, o qual pode ter sido glorioso ou não. Um critério de análise é estabelecido por Monica Martinez (2002) que divide a Jornada do Herói em 3 fases - 12 etapas: partida – cotidiano, chamado à aventura, recusa, travessia do 1º limiar; iniciação – teste, aliados, inimigos; caverna profunda, provação suprema, encontro com Deusa, recompensa; retorno - caminho de volta, ressurreição, retorno com elixir.

### **As Doze Etapas do Herói**

A desconstrução da vida dos indivíduos é apresentada por Monica Martinez (2002), na dissertação de Doutorado, da Escola de Comunicação e Artes, pela Universidade de São Paulo. As etapas propostas são: cotidiano; chamado à aventura; recusa; travessia do 1º Limiar; teste, aliados, inimigos; caverna profunda; provação suprema; encontro com Deusa; recompensa; caminho de volta; ressurreição; e retorno com elixir. O resultado final serve como sugestão para facilitar a análise por parte dos envolvidos com as produções deste gênero.

O primeiro capítulo da biografia é crucial. Através dele, o leitor terá o primeiro contato com a obra e seguirá ou não adiante com a leitura. Por isso, é de extrema importância conhecer, em profundidade, o cotidiano do biografado: manias, status de vida, ideologias. Posteriormente, identificar se o narrador será na primeira ou na terceira pessoa do singular.

As pesquisas com fontes documentais e entrevistas, por exemplo, proporcionam informações iniciais que levam ao chamado à aventura do protagonista.

Seja qual for a situação, o fato é que ela traz consigo uma forte tendência à ruptura, que fará o protagonista questionar suas crenças, valores e limites, no processo chamado de individuação pela psicologia junguiana, cujo desenvolvimento saudável leva a pessoa a tornar-se consciente de sua identidade única. (LUIZ PAULO GRINBERG apud MARTINEZ, 2002, p. 74)

Esse é um capítulo da biografia muito enfatizado pelos biógrafos. Com o intuito de construir heróis, eles intensificam as dores e as dificuldades para que as atitudes do



personagem se tornem heróicas. A morte de uma pessoa próxima, enchentes, guerras são exemplos de fatos externos que provocam essas mudanças, assim como os chamados internos. Sendo que não são todos os indivíduos que aceitam o caminho proposto.

Quando não há aceitação, o protagonista recusa ao chamado. Há alguns motivos para a negação: o temor de passar necessidade ou de não conseguir agregar recursos financeiros suficientes para empreender a jornada; o receio quanto à manutenção de bens materiais; apego aos laços afetivos; a perda de status adquirido; as dúvidas sobre as capacidades; a questão do medo; e a pressão social. A fim de que eles sejam superados, há, nesta etapa, a presença do mentor, “pessoa mais experiente que orienta o protagonista sobre os desafios e perigos da Jornada, estimulando-o a dizer sim à aventura” (MARTINEZ, 2002, p. 85). Entretanto, ele também tem interesse na imersão do biografado pelo mesmo caminho, por isso a insistência.

Logo quando o indivíduo diz sim ao chamado, ele passa pela travessia do 1º limiar. Com incertezas quanto ao futuro, o biografado pode mudar ou de cidade, ou de trabalho, ou de estado civil, enfim. Neste momento, a coragem e a convicção são os sentimentos que conferem credibilidade de que as escolhas foram certas.

Já na aventura, o protagonista encontra novos e antigos personagens que assumem diversos papéis com relação à nova posição dele perante a vida: mentor, aliados, adversários, inimigo, vira-casaca, guardião, bufão são alguns exemplos. Cada qual, com o respectivo valor, ajudam ou dificultam a chegada na reta final. Cabe, agora, o herói ativar o sexto sentido e perceber quem é quem, antes que afaste dos aliados e una aos inimigos. Um detalhe importante é que, dificilmente, os biografados confessam o nome das pessoas que os atrapalham durante o caminho.

Reconhecido o terreno e os personagens que o habitam, o indivíduo elabora uma estratégia para atingir o objetivo final. Caso ele ainda não esteja totalmente confiante dos poderes que possui, deve entrar em um “intenso processo de internalização” (MARTINEZ, 2002, p. 97), e buscar novas informações para acabar com a insegurança de seguir adiante.

Enfim, o momento das bruxas, dos dragões e das feiticeiras malvadas aparecerem. O biografado luta contra a sua fobia mais temida e ao superar a maior dificuldade, “o protagonista se torna de fato um herói, pois transcendeu sua simbologia pessoal, entrando em contato com a porção divina/sagrada que existe dentro de cada um de nós” (MARTINEZ, 2002, p. 103).



A fase seguinte é separada pelos gêneros sexuais. No encontro com Deusa, o menino abandona a figura materna, seja ela carinhosa ou malvada, e embarca em um relacionamento homem-mulher. O mesmo ocorre com a menina, no entanto, ela deve afastar a figura paterna. A diferença entre feminino e masculino está relacionada à ideia

que premia as mulheres “valentes como meninos”, privilegiando as que adotam o comportamento objetivo e competitivo inerente ao universo masculino. O preço é alto: os atributos femininos são sacrificados em detrimento do destaque no mercado de trabalho. (MARTINEZ, 2002, p. 107).

Mesmo com todas as dificuldades, como é apresentado na introdução, as mulheres se destacam e viram símbolos de lutas contra o machismo social. Deste embate, elas colhem as recompensas e garante a consagração de ser herói. Com a superação íntima, o biografado celebra e, agora, destina a propagação do aprendizado em obras sociais, com a determinação de que outras pessoas também se tornem heróis das suas respectivas histórias. Neste momento, ele deixa de ser indivíduo confuso e se torna mentor.

Monica Martinez (2002) considera a etapa seguinte como o clímax de toda biografia, porque neste momento o biografado retorna ao local onde vivia quando embarcou na jornada. Durante esse tempo, houve mudanças de paradigmas tanto por parte do indivíduo quanto no antigo ambiente. O choque do primeiro encontro provoca um sentimento de desconforto diante do local em que conhecia. O olhar do herói acerca dos antigos amigos mudará, assim como os olhares de quem permaneceu também será outro. No entanto, é o protagonista que “porta algo de inestimável valor” (MARTINEZ, 2002, p. 118).

O encontro dos dois mundos é o marco final dessa jornada. Agora, a angústia diante das incertezas da vida é menor ou não existe, o biografado se afasta de antigos medos e deixa a vida seguir adiante. As mudanças psicológicas e a abertura do olhar para o mundo permitem que o indivíduo embarque ou não em mais uma jornada, mas isso fica a critério do herói. Ele já está consciente de si e é capaz de não se deixar levar por qualquer o chamado à aventura, este precisa ser ainda mais tentador e os inimigos mais poderosos.

## **As 10 da Heroína**



Em um capítulo à parte, “Jornada da Heroína – A imprensa feminina e as histórias de vida de mulheres”, Monica Martinez (2002) faz referência a alguns pontos a serem considerados no momento de interpretar a biografia da mulher. Porém, esta proposta não exclui a possibilidade delas empreenderem a vida na Jornada do Herói.

As distinções anatômicas são o primeiro ponto a ser considerado; de maneira que, os homens possuem maior força física e o corpo feminino está direcionado à gestação. Segue com as diferentes funções sociais atribuídas a cada um. Na qualidade de provedor familiar, a figura masculina dificulta a entrada feminina no mercado de trabalho, ou seja, a realização da jornada do herói por parte delas. Fatos consequentes, por exemplo, da invisibilidade proposital por parte de uma ala das representantes deste sexo, que insistem em viver a sombra dos homens; e da falta de divulgação dos poucos registros que comprovam a participação feminina em lutas de causas sociais.

Por isso, “boa parte dos perfis publicados na imprensa feminina está voltada para atender aos interesses da indústria da saúde e da beleza” (MARTINEZ, 2002, p. 135-6). Assim, as indústrias restringem as temáticas abordadas, mas não são as principais culpadas, de acordo com uma pesquisa realizada por Dulcília Butoni (apud MARTINEZ, 2002), os assuntos da imprensa feminina mudaram pouco da primeira publicação brasileira – Espelho Diamantino, 1827 – para os dias atuais. As pautas mais publicadas estão ligadas à moda, à casa e ao coração, as quais são escritas em formatos de conselhos, que agradam à leitora.

A cumplicidade com os veículos de comunicação está relacionada à afirmação de Jean-Charles Obergfell-Abreu, em que

na atualidade o papel feminino é mais complexo do que o masculino, uma vez que além das responsabilidades familiares, a mulher assume o papel de desenvolver uma carreira, passando de reprodutora para produtora. (apud MARTINEZ, 2002, p. 138).

Essas mudanças provocam uma crise de identidade e desconforto por parte dos dois sexos; o consolo é a busca em outros exemplos bem sucedidos e publicados nas revistas. No entanto, o público deve estar atento as histórias de pessoas que não tem a vida imortalizada nas páginas de um livro e também são importantes na formação da memória e identidade individual.

Entre as vidas públicas e anônimas considera que, segundo Maureen Murdock, “as mulheres que empreendem a Jornada do Herói nos moldes masculinos saem do





desafio com um gosto amargo na boca” (apud MARTINEZ, 2002, p. 156). Elas devem avaliar todas as alternativas antes de se submeterem as normas sociais pré-estabelecidas, já que, nesta situação, mulher deve ingressar e se destacar no mercado de trabalho, além de continuar contribuindo, predominantemente, nas atividades domésticas.

Monica Martinez, então, sugere um caminho a ser percorrido na Jornada da Heroína, com 10 etapas: a formação do feminino; identificação com o masculino e reunião de aliados; caminho das provações, encontrando ogres e dragões; encontrando o boom do sucesso; despertando os sentimentos da morte espiritual; iniciação e descida à Deusa; apelo urgente para se reconectar com o feminino; curando a divisão entre mãe e filha; curando o masculino ferido; e a integração do masculino e do feminino (MARTINEZ, 2002, p. 157-8).

Se comparada à Jornada do Herói, é possível identificar a necessidade da atual mulher olimpiana em se identificar com a figura masculina para, posteriormente, retomar as características femininas. Assim, a maneira como é descrita a narrativa da biografada influencia tanto na percepção da leitora – contemporânea à época da personagem, do escritor – enquanto pesquisador, e das pessoas que conhecem somente através dos livros. Os casos de Helena Camargo e Leila Diniz são exemplos de mulheres distintas, em espaços diferentes e de períodos similares; os quais todos esses aspectos devem ser considerados no momento de construir a Jornada, seja ela do Herói ou da Heroína.

### **As Primeiras Percepções Dos Diferentes Tempos e Espaços**

A busca pela história de vida já encontra alguns caminhos a serem percorridos, entretanto, é preciso destacar que, independente da escolha, como afirma Domenique LaCapra, “o passado tem suas próprias vozes”, e cabe ao jornalista interpretá-las e buscar fatos que ainda não foram descobertos. O passado já ocorreu, no tempo presente há explicações baseadas em documentos, nas memórias, nas expectativas. (BARBOSA, 2004).

Durante a pesquisa, o estudioso deve se inserir “no seu próprio relato” (BARBOSA, 2004) e se mostrar para o leitor. Assim, evidencia com nitidez a subjetividade do relato, desde o momento da escolha do tema até as conclusões acerca do personagem biografado. Tal como há a visão de quem escreve, também há aquela de quem aprecia a obra.



A análise de um fato do passado é singular assim como tempo em que o estuda. Afinal, só há motivos importantes para pesquisar um determinado momento, caso o presente evidencie situações instigantes ao pesquisador investigá-lo. Quando Marialva Barbosa (2004) confirma que “A história é filha do seu tempo”, somente os questionamentos de hoje nos levarão ao interesse de duvidar do ontem.

Essa produção de textos históricos são discursos transmitidos para as demais gerações, servem de objeto de unificação das pessoas de uma mesma sociedade e origem. A atual identidade é fruto do estudo de pesquisadores, é uma forma de negar a morte do passado, não deixar que ele seja esquecido e que não haja a perda da memória social.

### **A Escrita. O Tempo e O Espaço**

A escrita é uma maneira de imortalizar as memórias do passado. Cabe à imprensa a divulgação dos relatos, como as produções históricas das identidades dos indivíduos, como Helena Camargo e Leila Diniz.

No entanto, Marialva Barbosa (2004) lembra que, assim como na história da humanidade, na imprensa também não deve priorizar datas e nomes importantes durante seu desenvolvimento. Esses momentos são marcantes, mas a consequência destes efeitos está diretamente relacionada ao conteúdo reproduzido nos veículos de comunicação. As vidas das personagens citadas neste trabalho talvez não tenham importância mundial, porém possuem nas sociedades onde estão inseridas. Isto está ligado à produção do conteúdo, desde o estabelecimento do assunto até a maneira como os leitores interpretarão o texto jornalístico. Marialva Barbosa (2004) confirma

Não se pode esquecer também as pesquisas que procuram ver os jornais ou os meios de comunicação de maneira geral como portadores de uma mensagem ou de uma ideologia, sem considerar muitas vezes as influências culturais dessa produção junto aos leitores e nem as condições de produção desses impressos.

A imprensa não é apenas a aparição e o fim de alguns veículos de comunicação, também é a análise das respectivas reflexões e ideologias apreoadas nos textos jornalísticos publicados.

Como afirma Robert Darnton (apud BARBOSA, 2004), a comunicação imprensa é importantíssima para a construção da história social e cultural. Através do estudo da história da imprensa é possível descobrir como se comportava sociedades de



outras épocas e espaços. Juntamente com o desenvolvimento do conteúdo está também o do suporte onde se insere os textos, desde jornais impressos à internet, que representam os avanços tecnológicos.

### **Diferentes Tempos e Espaços de Helena Camargo e Leila Diniz**

As biografias de Leila Diniz e Helena Camargo narram fatos do passado, conjunto de escolhas e circunstâncias ao longo de cada uma das vidas, que as levaram para atual condição de cada uma. A opção em narrar a história de pessoas em livro-reportagem desafia ao biógrafo o desejo de desvendar e divulgar fatos e verdades, até então, desconhecidas por ele e, principalmente, pelo grande público. A proposta maior é em preencher as lacunas de informações deixadas pelos periódicos.

Todavia, esse interesse em dissertar a vida de outrem nem sempre é explícito na narrativa. Carolina Kotscho escreve na primeira pessoa do singular, demonstrando que poderia ser apenas um interesse por parte de Helena Camargo, mas a autora justifica a publicação, “se Francisco é o herói do filme e da carreira dos filhos hoje famosos, Helena é a grande heroína da vida real” (KOTSCHO, 2007, p. 284), só que final da obra, no capítulo “Nota da Autora”. Enquanto Joaquim Ferreira dos Santos (2008), numa narrativa em terceira pessoa do plural, com um narrador onisciente, deixa a intencionalidade implícita nas páginas iniciais da obra, como uma verdade única a ser aceita: o nascimento de uma estrela.

Os argumentos dos biógrafos são válidos, mas não são únicos. Escrever sobre Helena Camargo ou Leila Diniz também está relacionado ao espaço e ao tempo em que os narradores e o público-alvo estão inseridos. *Simplesmente Helena* foi escrito somente por causa do filme *2 Filhos de Francisco?* Provavelmente sim. Caso não tivesse sido realizada a produção fílmica, a biografia teria sido escrita? Provavelmente não. Isso porque Helena se enquadra no perfil dos anônimos com alguma extraordinariedade, o principal diferencial dela é os filhos famosos. Devido à exposição da história de vida de Zezé di Camargo & Luciano, ela foi inserida diretamente na mídia e surgiu a necessidade de saber quem é a mãe dos cantores, que, por sinal, não foi citada no título do filme.

A biografia de Leila Diniz é diferente. Ela é a personalidade com problemas normais como qualquer outro indivíduo. As perguntas referentes à publicação desta biografia, em meio a tantas outras sobre ela que já foram escritas, é outra: por que ela foi a única mulher escolhida em meio a tantos homens para esta coleção? Por que mais uma publicação sobre Leila Diniz? A morte trágica de Leila a imortalizou como uma



mártir na luta pelo combate aos direitos iguais entre homens e mulheres? Não li todas as demais biografias referentes a ela, mas para tantas perguntas, há uma resposta certa: provavelmente há informações novas que justifiquem essa publicação, esta é uma versão diferente sobre a carioca e que merece ser lida.

Essas necessidades que ligam à contemporaneidade as temáticas dos livros-reportagens. A discussão sempre atual da luta da igualdade de gêneros e o exemplo de pessoas, que saíram da pobreza, alcançaram o sucesso, a fama e, principalmente, o alto poder aquisitivo. Helena Camargo e Leila Diniz são mulheres que enfrentaram a vida, que suportaram inúmeros momentos de dificuldades e são bem vistas, de maneiras distintas, pelo que foram, tornaram ou realizaram.

Outro ponto é: a vida escrita nas páginas de um livro também garante a imortalidade do biografado. Enquanto houver edições dessas obras e público leitor, também existirão as personagens. Helena Camargo e Leila Diniz sempre permanecerão no imaginário popular. O número de leitores é muito maior do que de pessoas, as quais mantiveram ou que, no caso da goiana, ainda mantém contato com ela. A morte de Leila em 1972 não significa a perda de um ente para milhares de famílias brasileiras e, caso a mídia sempre insista em mencionar o nome da carioca em reportagens, o público pode considerar que ela ainda está viva, porque está presente nas páginas da imprensa.

Por fim, um último aspecto importante são as inúmeras pesquisas que podem ser realizadas com essas duas obras como fonte bibliográfica. Ao conhecer a vida de Helena Camargo e Leila Diniz, o leitor descobrirá diferenças de viver o Brasil, em um mesmo tempo, em diferentes espaços: a formação familiar brasileira das respectivas sociedades; a condição social, econômica e política de cada uma; a produção cultural de cada região; a influência da Ditadura Militar no interior do interior do Brasil e no Rio de Janeiro.

Depois de evidenciar a intencionalidade do autor e as interpretações a que estão sujeitas as obras de acordo com o tempo e espaço inseridos. A proposta de Monica Martinez se faz necessária para questionar: a vida de Helena Camargo e Leila Diniz compreende na Jornada do Herói ou da Heroína? Caso seja do Herói: como é feita a leitura dessa narrativa conforme os critérios de: cotidiano; chamado à aventura; recusa; travessia do 1º Limiar; teste, aliados, inimigos; caverna profunda; provação suprema; encontro com Deusa; recompensa; caminho de volta; ressurreição; e retorno com elixir? E por que desta opção?



Caso seja da Heroína, novamente, como é feita a leitura dessa narrativa conforme os critérios: a formação do feminino; identificação com o masculino e reunião de aliados; caminho das provações, encontrando ogres e dragões; encontrando o boom do sucesso; despertando os sentimentos da morte espiritual; iniciação e descida à Deusa; apelo urgente para se reconectar com o feminino; curando a divisão entre mãe e filha; curando o masculino ferido; e a integração do masculino e do feminino? E por que desta opção?

Enquanto jornalista-pesquisadora, Monica Martinez afirma que o diferencial das biografias jornalísticas é a maneira de relatar os fatos, que atraem o leitor. No caso de *Simplesmente Helena* – o fato de uma roteirista, diretora e executiva na produção de cinema ter escrito demonstra também a não-exatidão e limitação das descrições narradas. Por isso, as duas estão sujeitas a humanização ou não das personagens, a torná-las ou não mitos sociais. Ao desmontar a estrutura narrativa e evidenciar cada fase presente em cada Jornada, o biógrafo e os leitores percebem que cada relato é um olhar sobre o passado. O tempo e o espaço em que cada uma viveu, a época e o lugar em que cada relato foi produzido e o momento e o ambiente em que o leitor lê a obra influencia na percepção sobre a história imortalizada. Em cada vida, escrita e lida há, por exemplo, uma cultura particular que constrói diferentes percepções da memória e da identidade feminina. Sob o mesmo texto presente nos veículos de imprensa e com conceitos estanques das etapas da vida; nós conhecemos, estudamos e formulamos inúmeras interpretações referentes às Jornadas de Helena Camargo e Leila Diniz.

### **Referências bibliográficas**

BARBOSA, Marialva. Como escrever uma história da imprensa. In.: Grupo de Trabalho História do Jornalismo, **II Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho**, Florianópolis, 2004.

KOTSCHO, Carolina. **Simplesmente Helena**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2007.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. 3 ed. Barueri, SP: Manole, 2004.

MARTINEZ, Monica. **Jornada do Herói**: a estrutura narrativa mítica na construção de histórias de vida em jornalismo. 2002. 335 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.



SANTOS, Joaquim Ferreira dos. **Leila Diniz**. Coordenação: Hélio Gaspari e Lília M. Schwarcz. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SCHIMDT, Benito Bisso. Construindo Biografias... Historiadores e Jornalistas: Aproximações e Afastamentos. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, n. 19, 1997. Disponível em <<http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/207.pdf>>. Acesso em 11 jun. 2009.

VILAS BOAS, Sergio. **Biografismo**: reflexões sobre as escritas da vida. São Paulo: Editora UNESP, 2008.